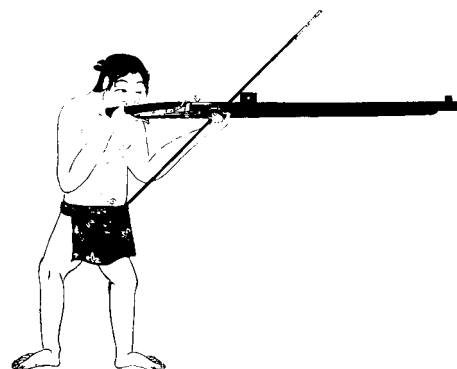




Nova Tradução de *Teppoki* (Crónica da Espingarda)

Uma Nova Perspectiva sobre as Datas do Descobrimento do Japão

JIN GUO PING* E WU ZHILIANG**



1. LIAMPÓ E A TRINDADE MARÍTIMA SINO-LUSO-NIPÓNICA

Embora o ano de 1543 seja, de um modo geral, aceite como a data “oficial” da chegada dos portugueses ao Japão, até agora só foram exploradas algumas das muitas fontes japonesas, ibéricas e chinesas disponíveis para o estudo desta temática. Pese embora a existência duma bibliografia internacional considerável sobre o tema, a(s) data(s) da chegada dos portugueses às terras nipónicas continua(m) aberta(s) a novos debates, assentes em novas fontes documentais, sobretudo chinesas. Se pensarmos que os chamados “wako” 倭寇 (piratas japoneses) eram compostos essencialmente por três grandes grupos – chineses, japoneses e portugueses (mais outros povos asiáticos, euro-asiáticos, os escravos asiáticos e africanos) – parece estranho que as fontes chinesas coevas não tenham merecido até aqui a mesma atenção atribuída às fontes nipónicas e ibéricas. Neste trabalho, de forma a colmatarmos esta lacuna, pretendemos realizar uma nova tradução anotada de

Teppoki 鐵炮記 (Crónica da Espingarda),¹ juntamente com a revelação de uma fonte chinesa, pouco conhecida, publicada em 1592, sobre a introdução da espingarda e o fabrico de pólvora em Bungo.² O objectivo desta investigação é apresentar uma nova perspectiva sobre a chegada dos portugueses ao Japão.

Apesar de não oferecerem testemunhos directos sobre os primeiros desembarques lusos no Japão, as fontes chinesas são riquíssimas em todo o tipo de informações adicionais, sem as quais é impossível conhecer profundamente as redes comerciais asiáticas em que os portugueses se movimentavam. Estas fontes permitem-nos igualmente contextualizar os contactos comerciais realizados entre os chineses e os japoneses no fim da década 1530 e início da década seguinte. Outro dos aspectos salientados nesta documentação são as circunstâncias em que o comércio “clandestino” se realizava entre a China, o Japão,³ o Sudeste Asiático e a Índia Portuguesa, num período em que a dinastia Ming impunha rigorosas proibições às viagens marítimas de e para a China.

Antes de abordarmos o ano de 1543 como a suposta data do Descobrimento do Japão gostaríamos de focar alguns aspectos que consideramos importantes.

Nas relações sino-luso-nipónicas, Liampó (Shuangyu 双屿, Duas Ilhas)⁴ é incontornável. Os infelizes conflitos armados sino-portugueses verificados entre 1521 e 1522 nas águas do delta do rio das Pérolas originariam o corte das relações oficiais entre os dois países.⁵ A partir desta época e até 1540 estamos perante um período pouco claro, indefnido, com escassas

* 金国平 Tradutor e investigador da História de Macau e da História das Relações Sino-Portuguesas. Licenciado em Português pela Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim.

Translator and researcher of the History of Macao and Sino-Portuguese Relations. Graduate in Portuguese from Beijing University of Foreign Studies.

** 吴志良 Doutorado em História pela Universidade de Nanjing. Vice-presidente do Instituto das Relações Chinesas com o Exterior. Administrador da Fundação Macau.

Ph.D. in History from Nanjing University. Vice-president of the China Overseas Relations Association. Director of the Macao Foundation.

ARMAS, FORTALEZAS E ESTRATÉGIAS MILITARES NO SUDESTE ASIÁTICO – II

informações quer de origem portuguesa, quer de origem chinesa. Depois do fracasso da armada de Martim Afonso de Melo Coutinho em Xicaowan 西草湾 (Ancoradouro de Ervas do Ocidente),⁶ os comerciantes privados portugueses parecem ter seguido pelo litoral chinês acima, em direcção a Norte, em parceria com os seus homólogos chineses, nomeadamente os da província de Fujian, os conhecidos “chinchéus”.⁷ Nesta deslocação para o Norte, os portugueses, com a ajuda de navegantes chineses, foram estabelecendo vários pontos de apoio à navegação, até atingirem Liampó.

Liampó foi o primeiro estabelecimento português relativamente fixo na orla marítima chinesa, cujo fim se encontra bem documentado nas fontes chinesas, sobretudo nos relatórios oficiais de Zhu Wan 朱纨,⁸ que ordenou a expedição militar que conduziu à sua completa destruição em 1548.⁹ No entanto, o início deste “bandel” continua controverso, sendo várias as datas sugeridas por fontes coevas chinesas. Das diversas datas assinaladas, o ano de 1540 é, contudo, o mais referenciado nestas fontes.¹⁰

Nas fontes chinesas há informações relativas a Goho 五峯, cujo nome em chinês é Wang Zhi 王直.

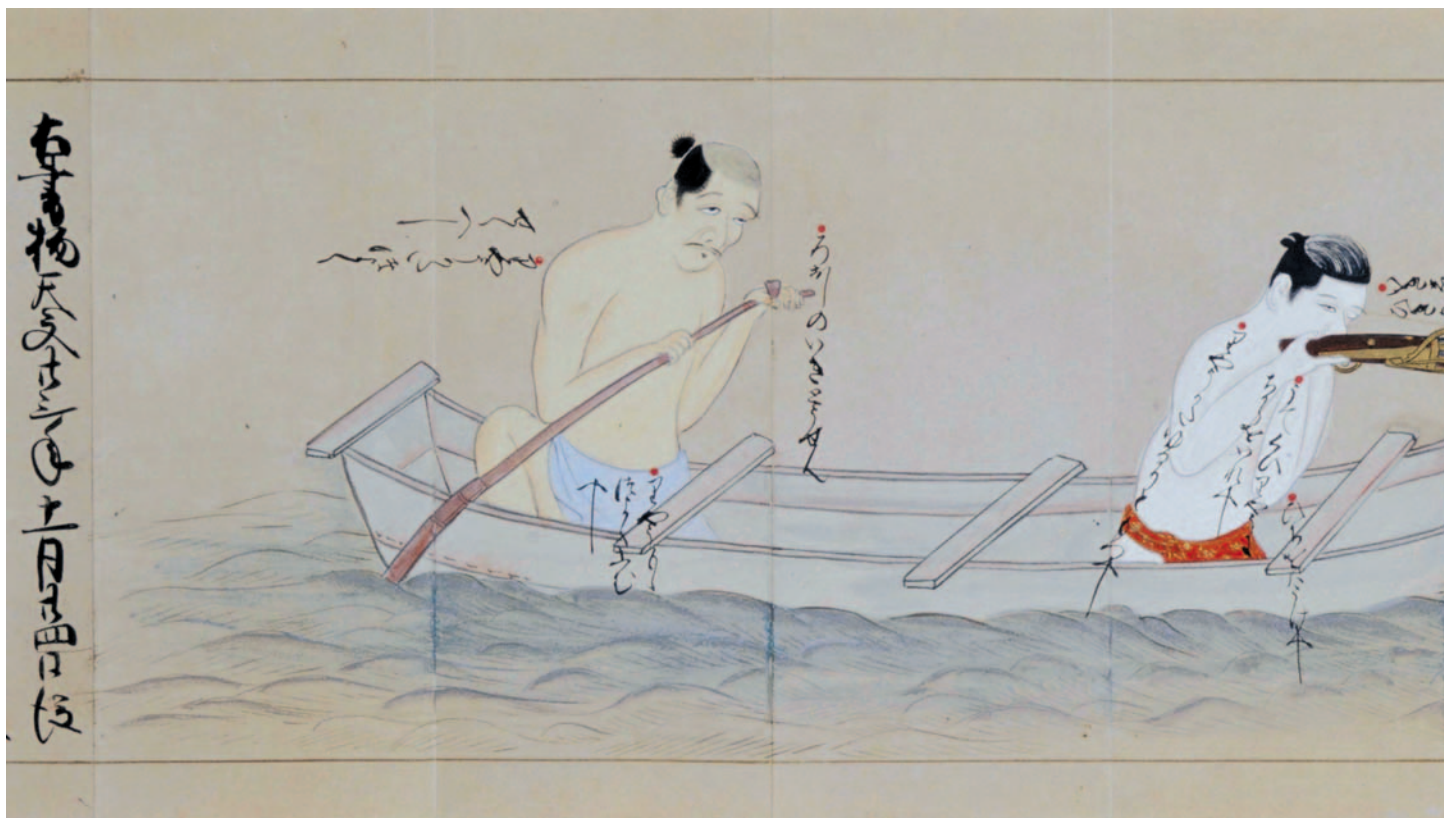
Foi ele quem serviu de intérprete aos três portugueses que desembarcaram, em 1543, em Tanegashima.¹¹

Wang Zhi pertencia ao grupo Huishang 徽商, isto é, comerciantes de Huizhou 徽州 que detinham uma rede comercial que cobria a quase totalidade do território chinês, com incidência no vale do rio Yangtse, no Grande Canal e no litoral sudeste.¹² Esta rede nacional tanto servia para reunir produtos para a exportação como para distribuir as mercadorias importadas. Wang Zhi exercia a importante função de “fiel depositante” e “fiador” nas transacções comerciais entre diferentes grupos, sobretudo entre os comerciantes fixos do continente da China e os comerciantes marítimos, incluindo os portugueses.¹³

2. CHEGADA DOS PORTUGUESES A TANEGASHIMA

As fontes ibéricas e japonesas sobre a chegada dos portugueses ao Japão têm sido quase exaustivamente exploradas.

Do lado português, António Galvão deu esta informação:



WEAPONS, FORTS AND MILITARY STRATEGIES IN EAST ASIA – II

“No ano de 542, achando-se Diogo de Freitas no reino de Sião, na cidade de Udiá,¹⁴ capitão de um navio, lhe fugiram três portugueses num junco que ia para a China: chamavam--se António da Mota, Francisco Zeimoto e António Peixoto. Indo-se (de) caminho para tomar porto na cidade de Liampó, que esta em trinta e tantos graus de altura, lhe(s) deu tal tormenta a popa que os apartou da terra, e em poucos dias, ao levante, viram uma ilha em trinta e dois graus, a que chamam os Japões, que parecem ser Cipangas e suas riquezas, de que tanto falam as Escrituras; estas também têm ouro e muita prata, e outras riquezas.”¹⁵

Embora António Galvão afirme “viram uma ilha em trinta e dois graus, a que chamam os Japões, que parecem ser Cipangas”, o lugar em que desembarcaram era Tanegashima. Aliás, António Galvão não tinha certezas, usando a expressão “que parecem ser Cipangas”.

Esta versão foi seguida com algumas diferenças por João de Lucena, Diogo do Couto, João Rodrigues e Luís Fróis, etc.

Do lado espanhol, temos principalmente a relação de Garcia Escalante Alvarado, feitor da armada de Ruy López de Villalobos, que foi escrita “*Desta ciudad de Lisboa, 1.º de Agosto de 1548 años*”, composta por 3 partes.¹⁶

Vejamos primeiro a “Relação de Diogo de Freitas, 1545”.

“*Lo que dixo es que estando él con un navío en la ciudad de Sian¹⁷ que es en la tierra firme, entre Malaca y lo que llaman China, vino allí un junco de lequios¹⁸ con los cuales tuvo mucha conversación. Dice qué gente muy bien dispuesta, blanca y barbada, vestidos de sedas y paños casi á nuestro modo...*”¹⁹

Nessas circunstâncias, Diogo de Freitas era o directamente interessado.

Diogo de Freitas afirma que, em 1542, a Ayuthia “*vino allí un junco de lequios con los cuales tuvo mucha conversación*”. No mesmo ano,

“*Acaesció que dos portugueses, de los que con el allí estaban, yendo en un junco á contratar en la costa de China, aportaron con tormenta en una isla de lequios, á dó fueron bien tratados del rey de aquellas islas, por intergesión de los amigos con quien havian conversado en Sian, y dándoles bastimentos, se fueron. Y por la policia y riqueza que estos vieron, tornaron á ir á ella otros portugueses, mercaderes, en juncos de China, y navegando de la costa de la China al Leste, allegaron á la dicha isla y aquella vez les mandaron que no saliesen en tierra y que diesen memorial de las mercadurias que traían y los preços que por ellas avian de dar y se las pagarian luego; y así le dieron y les traxeron la paga de todo en plata, y proveyéndolos de bastimentos les dixerón que se fuesen*”.²⁰

Quanto ao ano de 1542, os dois coincidem. António Galvão diz “que parecem ser Cipangas”, enquanto Diogo de Freitas afirma “*una isla de lequios*”, pois já tivera conversas com “*un junco de lequios*”. Aliás, é preciso levar em conta que o livro de António Galvão foi publicado em 1563 e a informação de Diogo de Freitas foi recolhida em 1545, apenas 4 anos passados do acontecimento.

De facto, foi “*en juncos de China*” que os portugueses desembarcaram em Tanegashima.

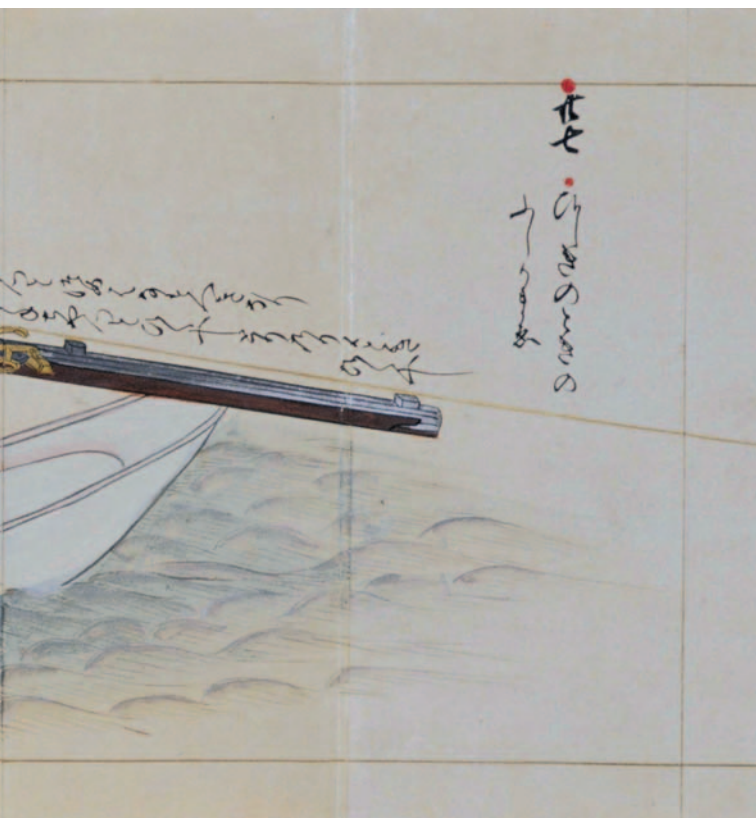


Ilustração do *Sanjuni-so Ezu* (Trinta e duas posições de tiro), manual de instrução da Escola de Tiro de Inatomi, c. 1600. Cortesia do Museu Nacional de História Japonesa, Sakura.

ARMAS, FORTALEZAS E ESTRATÉGIAS MILITARES NO SUDESTE ASIÁTICO – II



Nesta e na página seguinte, ilustrações do *Sanjuni-so Ezu* (Trinta e duas posições de tiro), manual de instrução da Escola de Tiro de Inatomi, c. 1600. Cortesia do Museu Nacional de História Japonesa, Sakura.

Em segundo lugar, analisemos a “Relação de Pero Díez, 1545”.

“Y lo que conto es, que en Mayo del año pasado de 1544 años, partió de Patani en un junco de chinos, y allegó en Chincheo [...] De Chincheo fueron a una ciudad que llaman Lionpu [...] De allí atravesaron á la isla de Japan, que está en treinta y dos grados ; hay della a Liompú ciento é cincuenta é cinco léguas, correse casi Este-Oeste [...] Dice que estando en el puerto cinco juncos de chinos de los que viven en Patani, y en ellos algunos portugueses, vinieron a ellos mas de cien juncos, encadenados,²¹ de chinos, y contra ellos salieron los portugueses de los cinco juncos, en cuatro barcas con tres versos y diez y seis arcabuces, y desbarataron los juncos de los chinos y les mataron mucha gente schh. Vio en esta isla muy poco oro y grandísima cantidad de hierro y cobre ; allí se juntaron otros portugueses, que venian de las islas de los lequios, las cuales dicen que son muy ricas de oro y plata; la gente es robusta y belicosa”.²²

Georg Schurhammer S. J. comenta: “Este combate mostra que os portugueses eram recém-chegados ao Japão e que os Chineses viam ameaçado o seu monopólio comercial. Foi indubitavelmente o primeiro encontro entre os dois rivais”.²³

Tanto a relação de Diogo de Freitas com a relação de Pero Díez apontam para uma estreita relação lusa com os Léquios.

Por fim, vejamos a “Relação do piloto chim, 1546”, texto que, por descontextualizado, não tem merecido a devida atenção.

“Estando en Malaca, me preguntó un piloto chino por nuestra navegación, y me dixo que en la isla de Japán habia tenido noticia de que estaban dos navios, uno pequeno e otro grande, de gente como nosotros, en una isla que está adelante de la de Japan, mas hacia esa Nueva-España, y que tenían guerra con los naturales de aquellas islas; lo cual me hizo pensar que serían navios de Vuestra Señoría”.²⁴

Esta cena verificou-se entre Diogo de Freitas e “un piloto chino” anónimo, em 1546. No entanto, não

WEAPONS, FORTS AND MILITARY STRATEGIES IN EAST ASIA – II

sabemos a que ano se referira, de todas as maneiras é anterior a esta data. Tentemos analisar a frase “*en la isla de Japán habia tenido noticia de que estaban dos navios, uno pequeno e otro grande, de gente como nosotros, en una isla que está adelante de la de Japan, mas hacia esa Nueva-España, y que tenían guerra con los naturales de aquellas islas*”. Primeiro, é preciso identificar “*una isla que está adelante de la de Japan, mas hacia esa Nueva-España*”. Pelo contexto, sabemos que se trata de outra ilha que não a “*la de Japan*” e sua situação é “*hacia esa Nueva-España*”. O único país “*adelante de la de Japan*” é a Coreia. Seria uma ilha coreana.

Uma fonte imperial coreana, *Zhongzong Shilu* 中宗实录 (Verídica Crônica do Imperador Zhongzong), dá-nos uma pista.

“Entrada de 27 de Julho de 1544. Transmitam ao Conselho Administrativo: Recebido memorial ao trono do almirante de Jeolla Ocidental 全羅右道水使. Os barcos chineses continuam ancorados na ilha Feimi 飞弥島 do estado de Jeolla 罗州. Mandámos imediatamente barcos de guerra para os interceptar. Vimos que as suas fisionomias são estranhas e vestidos de preto e o seu número ultrapassa os 90. Não entendemos a língua deles e passamos a lhes perguntar por escrito de que terra eram, quem eram e porque têm navegado à deriva até ali. Os perguntados olhavam uns para outros e nos

responderam imediatamente com o disparar de canhões contra os nossos barcos. Dois dos nossos morreram a tiro de canhões e outros dois ficaram feridos. Mesmo tendo o despacho imperial no sentido de os capturar vivos, fomos obrigados a responder com canhões²⁵ e frechas. Os chineses escondendo-se atrás de escudos de defesa, a bordo, remaram a este. Como fomos surpreendidos por uma tempestade, era muito difícil continuar com a perseguição. Os barcos chineses, armados com canhões e outras armas, mataram três dos nossos militares. Se agora não continuarmos com a perseguição pelo mar fora, temos que capturá-los daqui a pouco. Esperamos que fiquem ancorados em algum lado e passamos a capturá-los.²⁶ Isso foi dito a tal cabo”.²⁷

“Aliás, agora os chineses, armados com canhões e outras armas, navegam até ao Japão onde ensinam aos japoneses a utilização destas armas, o que é o perigo dos perigos. Foram dadas ordens ao *qianshi* 僉使 (vice-comandante) e ao *wanhu* 万户 (brigadeiro) para, com forças de elite, armarem uma cilada em lugares estratégicos, mas sem poderem ultrapassar o território de Jeolla. Se forem piratas chineses, a sua captura não criará problemas...”²⁸

“Se eles ensinarem o Japão a usar canhões, as consequências serão tremendas.”²⁹



ARMAS, FORTALEZAS E ESTRATÉGIAS MILITARES NO SUDESTE ASIÁTICO – II

○鐵炮記 代種子島久時公
 開列之南有一島去列一十八里名曰種子我祖世
 居焉古來相傳島多種子者此島雖小其居民庶而且
 富譬如播種之下一種子而生一苗是故名焉先是
 天正癸卯秋八月二十五丁酉我西村小浦有一大船
 不知自何回來船客百餘人其形不類其語不通見者
 以為奇怪笑其中有大明儒生一人名王峯者令不詳
 其姓字時西村主事有職部丞者頗解文字偶過王峯
 以秋高於沙上云船中之客不知何國人也何其形之
 異哉王峯即書云此是西南蠻種之賈胡也粗能知君
 臣之義未知禮貌之在故其飲也杯飲而不杯
 其食也爭食而不著徒知嗜欲之愜其情不知文字之
 通其理也所謂賈胡到一處輒止此其種也以其所有

乎百文天下稱曰三十三間古來善射者發其矢於高
 居之南直以至於北為我業然其能至者或寡矣
 公今從衆發矢之遠至也亦不難矣然則其力有餘
 而志之正體之直者公之所素有何止於此自其
 少時而志于學亦多術牽於章句文義者儒生之學
 也務得其要持之者人主之學也彼章句文義非
 不學焉蓋益於心術務得其要者正其心脩其身以及
 之於國家其利博哉今公之所志之學在茲而已占
 夫寸之而變強者豈可同年而語哉予本釋門徒
 雖不與射札事樂公之志有成書之以貽近侍之
 學射者云
 慶長丙午四月十七日 前建長文之玄昌謹書

Nesta página e nas seguintes, páginas da *Teppoki* (Crônica da Espingarda), edição de 1649 (Universidade de Kagoshima).

Este medo da técnica de artilharia poder passar ao Japão era muito forte: “Há propostas de não mandar os barcos chineses à terra japonesa, e têm muita razão. No entanto, os barcos chineses que navegam até ao Japão têm os seus companheiros ou antes ou depois deles, de modo que é difícil evitar que a transferência da técnica da artilharia se faça aos *wano* 倭奴³⁰”.³¹

Assim, “*una isla que está adelante de la de Japan*” seria a ilha Feimi, no sul da Coreia.

Sabemos que foram os portugueses que introduziram armas de fogo no Japão. A frase “Se eles ensinarem o Japão a usar canhões, as consequências serão tremendas” permite-nos supor que poderia haver portugueses nesta batalha naval em 1544.

Na mesma *Zhongzong Shilu*:

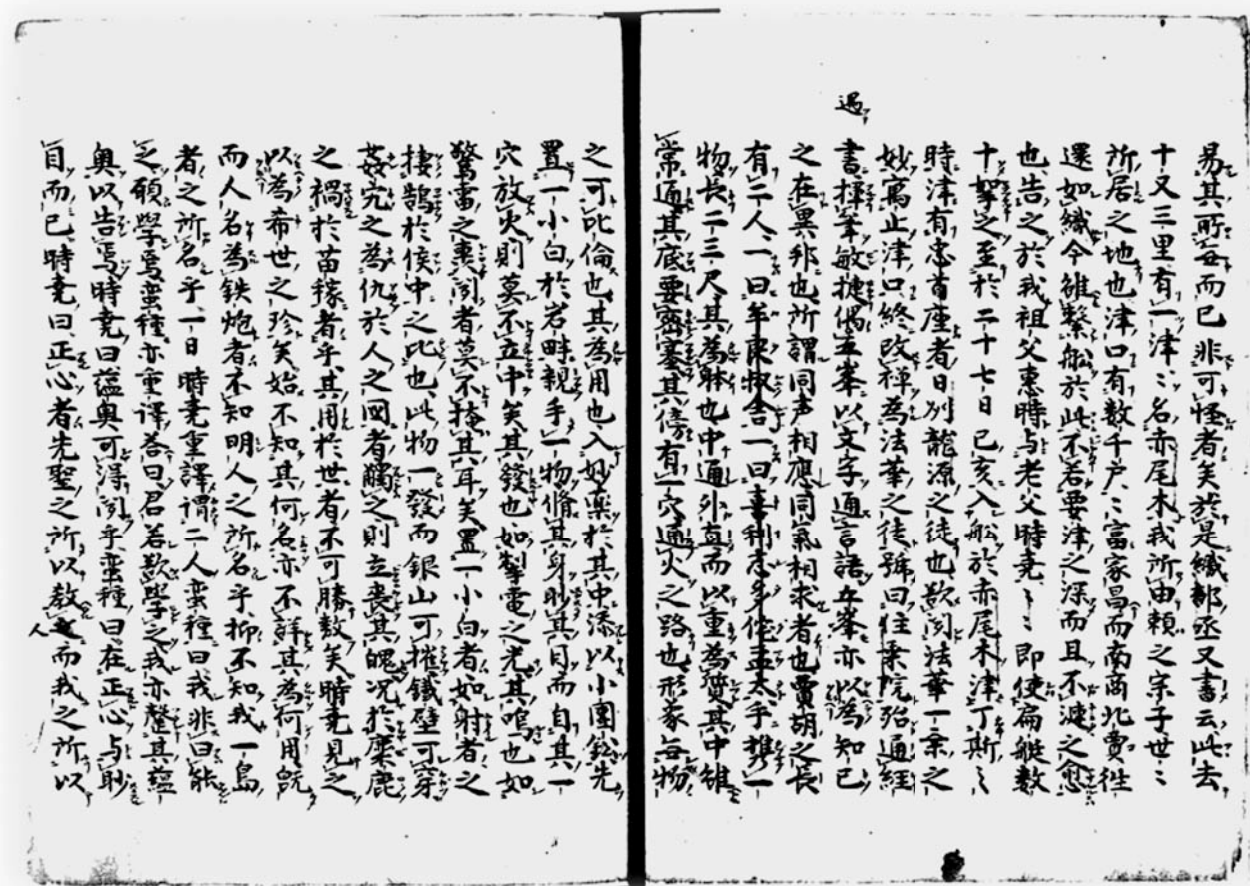
“Entrada de 4 de Maio de 1542. Apresentação da carta do rei do Japão: ... Mais de 80 homens do mar da grande dinastia Ming foram empurrados por uma tempestade até a Bungo do Japão.

Quando lhes perguntámos como se chamavam, não se atreveram a responder. Agora, já estão a bordo do barco do nosso embaixador. Queríamos repatriá-los via vosso ilustre País. Quando perguntámos a vontade deles, dos 80 e tantos nenhum queria voltar via vosso ilustre País, alegando que se voltassem através da Coreia, seriam de certeza executados. Preferiam voltar aos Léquios. Então fizemos-lhes a vontade e devolvemo-los aos Léquios.”³²

Além das razões da infracção das leis proibitivas das viagens marítimas, que possam custar-lhes vida, não haveria portugueses no meio deles? Pois até mesmo recusavam a ir à terra na Coreia.³³

Fontes oficiais chinesas registam movimentos marítimos clandestinos em 1542, entre o Sudeste Asiático e os Léquios. Yan Hao 嚴嵩, primeiro-ministro dessa altura, no seu “*Liuqiu guo jiesong tongfan renfan shu*” 琉球國解送通番人犯疏 (Memorial ao

WEAPONS, FORTS AND MILITARY STRATEGIES IN EAST ASIA – II



Trono sobre a entrega escoltada feita pelos Léquios de criminosos que fazem negócios marítimos clandestinos com os bárbaros) dá alguns pormenores. Citando um memorial ao Trono apresentado por Sho Sei 尚清, (1497-1555), rei Chuzan 中山 dos Léquios, diz:

“Chen Gui 陈贵 e outros sete criminosos, de há alguns anos para cá, infringindo as expressas proibições marítimas, fazem negócios marítimos clandestinos com os bárbaros, tendo obtido grandes lucros. Desta vez, encontrou 21 barcos de Chaoyang 潮阳, com 1300 marinheiros. Com todos à procura de benefícios, eclodiram rixas entre ambos, matando-se e ferindo-se entre si. Todo o desastre vem de Chen Gui, homem de muitos e graves crimes.”³⁴

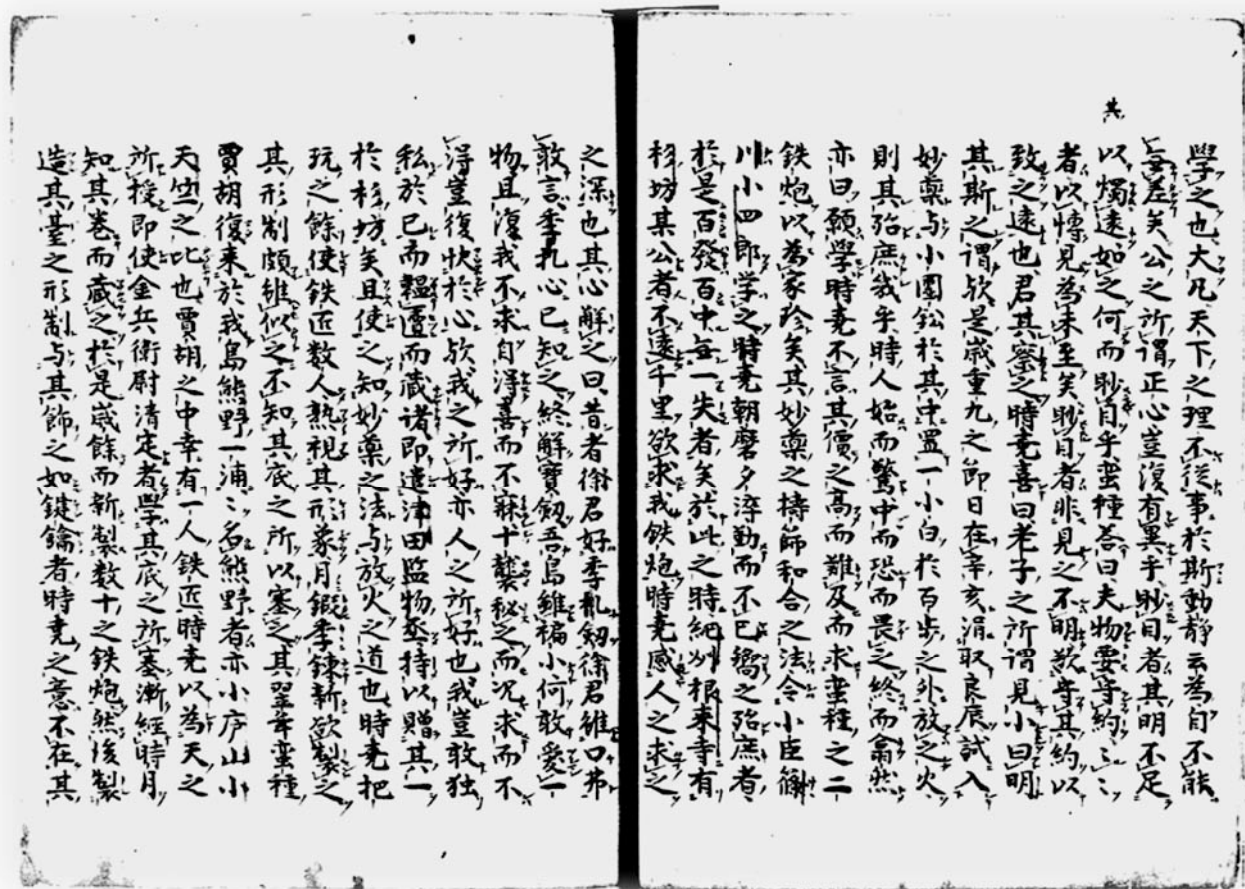
Continua o primeiro-ministro:

“Esse país, já que sabe que Chen Gui e outros foram à sua terra, infringindo as leis e manejando clandestinamente grandes barcos para fazer

negócios marítimos, o que deve fazer é entregar os barcos, juntamente com a tripulação para serem submetidos aos expressos castigos estipulados pelas leis. No entanto, concedeu-lhes licenças para aportar e comprou as suas mercadorias. Segundo a confissão de Chen Gui, as mercadorias de 26 barcos foram confiscadas, evidentemente com a intenção de ficarem com elas, em consequência de não terem chegado a um acordo nos preços. As matanças e os ferimentos começaram por aí. Então os léquios serviram-se disso de pretexto para os acusar de serem piratas.”³⁵

Em 1542, estavam barcos de Chaoyang, uma terra de Cantão, e barcos de Zhangzhou 漳州³⁶ no Sudeste Asiático e nos Léquios.³⁷ Dado que desde 1511, altura em que os portugueses conquistaram Malaca, os “chinchéus” mantinham boas e estreitas relações com os portugueses, inclinamo-nos a identificar “juncos de China” com os barcos de Chen Gui.

ARMAS, FORTALEZAS E ESTRATÉGIAS MILITARES NO SUDESTE ASIÁTICO – II



Os portugueses que fugiram a Diogo de Freitas teriam embarcado num juncos da frota de Chen Gui.

2.1 A *TEPPOKI* E O SEU AUTOR³⁸

Da documentação sobre a chegada dos portugueses ao Japão ou descoberta do Japão pelos portugueses, quer em línguas orientais (japonesa e chinesa) quer em ocidentais (sobretudo a portuguesa), a *Teppoki*, em japonês clássico, tem sido a referência básica para fundamentar a versão da chegada dos portugueses ao Japão em 1543.

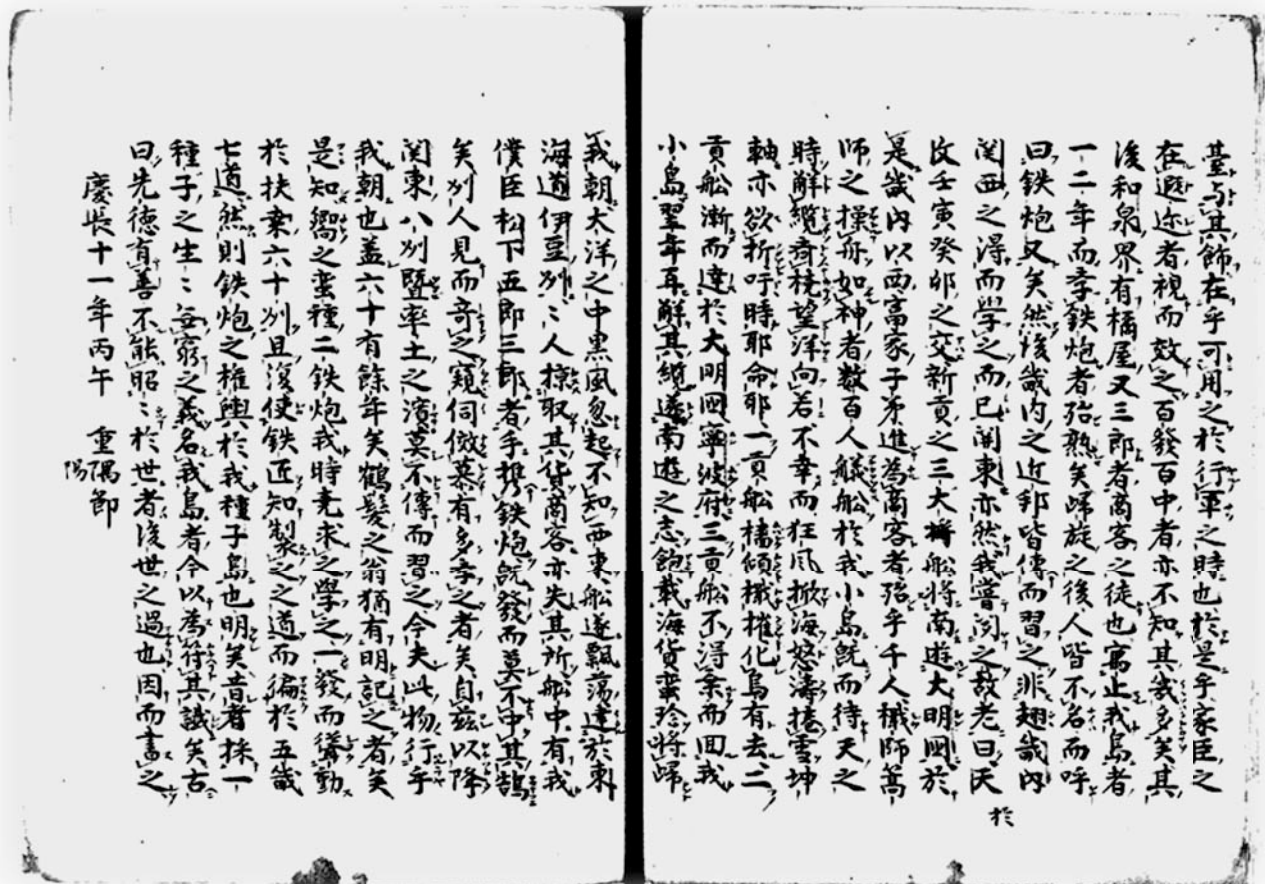
O autor deste texto é Daiiruiji Bunshi 玄昌文之,³⁹ também conhecido como Nanpo Bunshi 南浦文之, erudito bonzo budista Zen de Satura. Trata-se de uma peça, em jeito de memória, composta pelo “filho de Toditas e 14.º governador da ilha Tansíssima, no período Deicida (1596-1614).”⁴⁰ Foi escrita em 1606, mais de 60 anos após o acontecimento narrado e publicada pela primeira vez em

1625⁴¹ na *Nanpo Bushū* 南浦文集 (Colectânea Literária de Nanpo).

Das primeiras edições, podem-se citar as de 1625, 1629 e de 1649, de Quioto, esta a mais acessível. O documento que serviu de base para a nossa tradução é o manuscrito depositado na Universidade de Kagoshima, sob a cota de Códice No. Tamasato-Ten No Bu No.114-1003.

Este valioso documento escrito em *kanji* foi objecto de várias traduções, completas ou parciais, para diversas línguas ocidentais, não havendo, no entanto, uma versão completa em português. A primeira versão alemã, de H. Haas, apareceu em *Geschichte des Christentums in Japan* I, publicada em Tóquio em 1902 (Buchdr. der Rikkyo Gakuin Press, pp. 29-32).⁴² J. Murdoch, na sua obra *A History of Japan* (Kobe, 1903, p. 42)⁴³ publicou uma tradução inglesa abreviada, que veio a ser traduzida para português e publicada, em 1927, no *Boletim da Agência Geral das Colónias*, n.º 3 (pp. 10-11). Uma versão inglesa

WEAPONS, FORTS AND MILITARY STRATEGIES IN EAST ASIA – II



mais completa encontra-se em Ryusaku Tsunoda, Wm. Theodore de Bary, and Donald Keene, eds., *Sources of the Japanese Tradition* (New York, 1958, pp. 317-320). Foi o doutor Pe. Georg Schurhammer S. J. quem fez uma tradução portuguesa, a partir da versão alemã de Haas e comparando-a com a versão inglesa de Murdoch (reeditada em *Orientalia*, 1963, pp. 535-538). Em 1977, apareceu uma tradução completa, a partir do manuscrito japonês e profusamente anotada, pela italiana Marisa di Russo.⁴⁴ Em 2002, Olof G. Lidin publicou uma versão inglesa completa.⁴⁵ De há muito se sente a falta de uma versão portuguesa feita a partir do manuscrito em japonês. Eis o nosso propósito.

3. NOVAS LUZES TRAZIDAS PELAS FONTES CHINESAS

As fontes chinesas talvez sejam a chave para trazer alguma luz a este mistério histórico. Começemos por

analisar alguns documentos chineses que nos oferecem informações sobre as movimentações comerciais entre a China e o Japão. Com o “incidente de 1523” foi abolido o comércio tributário entre a China e o Japão, consequentemente acabaram as lucrativas trocas comerciais. Só em 1539 seria enviada à China uma nova embaixada tributária.⁴⁶ Segundo o diário do embaixador Shaku Juko 釋寿光⁴⁷, levavam intérpretes chineses que falavam japonês. Esta embaixada é uma prova irrefutável do desejo manifestado pela diplomacia japonesa em reatar as relações comerciais com a China. Existe uma grande probabilidade de Wang Zhi ter contactado os intérpretes chineses em 1539, na medida em que várias fontes chinesas atestam as suas actividades comerciais, entre a China, o Japão e o Sudeste Asiático, já no ano de 1540.

Até agora, a maior parte dos trabalhos de investigação sobre a data da chegada dos portugueses ao Japão baseia-se em fontes japonesas, portuguesas e espanholas e, de um modo geral, à documentação

ARMAS, FORTALEZAS E ESTRATÉGIAS MILITARES NO SUDESTE ASIÁTICO – II

chinesa não foi dada a devida importância, mas algumas peças chave foram ignoradas. Sabemos que nas fontes chinesas, embora sem indicações expressas da data e das personalidades lusas que visitaram pela primeira vez o Japão, não faltam informações detalhadas sobre Wang Zhi, que levaria os portugueses a Tanegashima em 1543, de que há notícias, servindo posteriormente de intérprete entre estes e os nativos. A grande importância das fontes chinesas advém do facto de fornecerem pormenores sobre as movimentações deste chinês, de revelarem que Wang Zhi já se encontrava envolvido no comércio internacional entre o Japão, a China, o Sião e Malaca, a partir de 1540. Também há fontes japonesas com referência a 1541, que têm sido inexplicavelmente menosprezadas⁴⁸:

Teisei zoyaku sairán igen 订正增言尺采覧异言 (Informações exóticas recolhidas das mais diversas fontes, versão corrigida e aumentada) regista:

“Os Seiban 西蕃 desembarcam primeiro neste Reino. No mês de Julho do 10.º ano de *Tenbun*⁴⁹, apareceu de repente um navio, com uma tripulação de 280 homens, que foi ancorar directamente à enseada de Shinga, do Bungo. Mao Yuanyi 茅元仪 da dinastia Ming disse que um tal Futuraishakuko 佛來釈古 (Francisco) de Haratakakokoku 波羅多伽兒國 (Portugal) transmitiu a sua técnica em Bungo.”⁵⁰

Com base nesta fonte japonesa, embora tardia, de 1802, que afirma inequivocamente o ano de 1541 como o do primeiro desembarque em Bungo, pode supor-se que se os lusos não tivessem ido ao Japão com Wang Zhi, com quem negociavam, logo em 1540, teriam arribado à terra do Sol Nascente, concretamente a Bungo, em 1541.

Este referência japonesa é de origem chinesa. Nas fontes chinesas, temos uma referência num livro publicado, já em 1592, anterior, portanto, à data da elaboração da *Teppoki*, que tem sido considerada a peça fundamental para fixar o ano de 1541 como a data da chegada dos portugueses ao Japão.

Trata-se dum texto publicado pela primeira vez em 1592 por Hou Jigao 侯继高 em *Riben Fengtuji* 日本风土记 (Coisas do Japão,) de *Quanzhe Bingzhikao* 全浙兵制考 (Estudo sobre o Sistema Militar da Província de Zhejiang). No ano seguinte, Li Yangong 李言恭 e Hao Jie 郝杰 reproduziram estas passagens no seu *Riben Kao* 日本考 (Estudos sobre o Japão). O mesmo texto veio a ser publicado por Shi Yongtu 施永图 no seu *Xinlüe Dili* 心略 (Estratégia Mental) e por Mao Yuanyi no seu *Wubeizhi* 武备志 (Crónica dos

Preparativos Militares), respectivamente em 1621 e 1637, que serviu de fonte para a obra japonesa de 1802. Os três primeiros foram militares de alta patente do Sul da China, por isso, o texto poderia ser uma “informação militar”. “Há ainda a possibilidade de o autor do texto não ter sido nenhum deles. O próprio título pode não ser o original. Poderia ser um material de referência para as altas patentes militares na prevenção e luta contra a pirataria japonesa. Hou Jigao, Li Yangong e Hao Jie não teriam sido mais do que os primeiros editores e divulgadores do texto.”⁵⁰ É de salientar que *Wubeizhi* de Mao Yuanyi também é uma obra de carácter militar. Este texto é datável a 1548, porque os relatórios sobre a destruição de Liampó, de Zhu Wan, possuem muitas informações sobre a artilharia e a espingardaria capturadas aos chineses, japoneses, portugueses e aos seus escravos, africanos e asiáticos.⁵¹

Sendo de grande importância documental e histórica, passemos a transcrever o trecho relativo à introdução da espingarda em Bungo:

“A *niaochong* 鸟銃 (espingarda de pássaro) é originária dum país de nome Boluoduojaier 波羅多伽兒 (Portugal) da terra dos Xifan 西番 (Bárbaros do Oeste). Um tal Folaishigu 佛来释古 (Francisco) transmitiu a sua técnica a ferreiros de Bungo. Agora, estes já conseguem fabricar peças, milagrosamente certas, que valerão cada uma uns 20 taéis. As que são fabricadas noutros lugares não têm a mesma qualidade, de modo que o seu valor é menor.”⁵²

Segundo a *Teppoki*, uma das preocupações do *tono* de Tokitaka na aprendizagem da técnica da *teppo* era saber todos os segredos. Este documento chinês complementa-a, no que diz respeito à fórmula do “pó milagroso”. Temos uma descrição bastante pormenorizada do fabrico da pólvora:

“Foram transmitidos conhecimentos verdadeiros para o fabrico da pólvora. Primeiro, usa-se o carvão feito a partir da *firmiana platanifolia* e depois é preciso cozer três vezes o salitre em água a ferver. O enxofre a ser usado deve ser transparente e limpo para se misturar com os dois elementos anteriores. Introduzem-se dois mazes de pólvora em cada espingarda, que disparam as suas várias balas certas para longe. A fórmula da fabrico da pólvora varia nas percentagens das componentes, de acordo com as quatro estações do ano. Cada espingarda é carregada com três projecteis, que

WEAPONS, FORTS AND MILITARY STRATEGIES IN EAST ASIA – II

são disparados em conjunto, tanto na horizontal como em qualquer outra direcção.”⁵³

O Dr. Rainel Daehnhardt, grande especialista em armas antigas, ao ajudar-nos a fixar esta tradução não hesitou em confirmar a origem portuguesa desta passagem, dizendo: “Temos aqui um dos grandes segredos da espingarda portuguesa e da sua utilização. As câmaras das espingardas lusas eram extremamente fortes, muito mais fortes do que suas congéneres das outras nacionalidades. Eram carregadas com uma quantidade de pólvora substancialmente superior à das espingardas das outras nacionalidades. Os outros países usavam ou apenas um projectil, o que se intitula um ‘tiro de bala’, ou uma grande quantidade de projecteis minúsculos, o que se chama um ‘tiro de chumbo miúdo’. Os portugueses atiravam com três até cinco balas num só tiro. Isto aumentava substancialmente a chance de atingir o alvo mas obrigava a uma carga maior de pólvora e um ombro forte para aguentar o coíço do recuo da arma que era tremendo.”⁵⁴

A nossa suposição é completamente corroborada por estas duas fontes chinesas.

A *Chouhai Tubian* 筹海图编 (Exposições Ilustradas da Defesa Marítima), do reinado de Jiajing (1521-1566) regista expressamente “No 27.º ano de reinado de Jiajing”:

“A *niaochong* (espingarda de pássaro) veio dos Xifan (Bárbaros de Oeste) para China há muito tempo, não se conhecendo os seus segredos. No 27.º ano de reinado de Jiajing (1548), Zhu Wan 朱纨, censor metropolitano, mandou Lu Tang 卢鎗, comandante metropolitano, atacar Liampó. Capturou um cacique bárbaro, versado em espingardas. Mandou os cavalheiros, leais e generosos, Ma Xian 马宪 fazer as peças e Li Gui 李槐 fabricar a pólvora. Como conseguiram os segredos, as suas imitações são ainda melhores do que as genuínas dos Xifan.”⁵⁵

Numa obra mais tardia, *Dengtang Bijiu* 登坛必究 (Apurar ao Subir o Fórum) temos uma descrição mais simples:

“No ano de *wushen* 戊申,⁵⁶ Lu Tang assaltou Liampó e capturou um versado em espingardas. Mandou-o revelar os seus segredos e aos cavalheiros, leais e generosos, Ma Xian fazer as peças e Li Gui fabricar a pólvora, ainda melhores.”⁵⁷

Acreditamos que a fonte que serviu de base para o texto publicado em 1592 por Hou Jigao será

de origem portuguesa. Se tivesse sido de origem chinesa, Portugal teria sido apelidado de Folangji 佛郎机 (Frangia). No caso de ter sido de proveniência japonesa, Seinanban ou Nanban teriam sido os termos usados. Estamos perante uma transcrição bastante diferente das habituais designações de Portugal e dos portugueses no Extremo Oriente. Portugal é fielmente transcrito como Boluoduojiar. Só os portugueses é que usavam o seu nome genuíno. O nome de Folaishigu revela uma exactidão da linguagem coloquial. O “o” final de Francisco, quando átono, soava e soa de facto como “ú”. Todos estes elementos concorrem para que esta informação tenha tido origem portuguesa ou nos que viajavam com os portugueses e que falavam a sua língua. Segundo esta fonte, o homem que introduziu a espingarda foi um tal Francisco, identificável com Francisco Zeimoto (Zaimoto). Assim a pretensão e possibilidade de Fernão Mendes Pinto ter sido um dos primeiros portugueses a chegar ao Japão e ter introduzido a espingarda em Bungo fica bastante mais remota. Todos estes elementos levam-nos a concluir que a chegada dos portugueses ao Japão, assunto que parecia ter sido encerrado há algumas décadas, continua em aberto e só um cruzamento das fontes europeias com as inúmeras fontes asiáticas o poderá esclarecer. É neste contexto que os documentos chineses assumem particular relevo, na medida em que foram navegantes chineses os principais actores nos primeiros contactos que se estabeleceram entre gentes do longínquo Ocidente e terras do Extremo Oriente.

Aqui registamos mais duas passagens de um antigo livro chinês sobre o Japão. O autor chama-se Zheng Shungong 郑舜功, natural da província de Cantão, foi embaixador do *zongdu* 总督 (grande coordenador da província de Zhejiang), Yang Yi 杨益. Entre 1556 e 1557, visitou o Japão, ficando com Otomo Sorin 大友宗麟, também conhecido como Otomo Yoshishige, 大友义镇. Escreveu *Riben Yi Jian* 日本一鑑 (Um Olhar sobre o Japão), uma crónica de viagens, possivelmente concluída em 1564, onde se reúne o que viu e o que ouviu durante a sua estadia no Japão. Em 1557, voltou à China.

“Chama-se *shouchong* 手銃 (espingarda de mão), originária de Folangji guo (Frangia 佛郎机国), cujos comerciantes começaram a ensinar os bárbaros de Tanegashima a fabricá-la. Mais tarde, Bonotsu (?), Hirado, Bungo e Izumi, entre outros lugares, passaram a fabricá-la. O ferro local é

ARMAS, FORTALEZAS E ESTRATÉGIAS MILITARES NO SUDESTE ASIÁTICO – II

demasiado quebradiço, que não serve para fazer tal arma. Na maioria das vezes, compram *xianluo tie* 暹罗铁 (ferro de Sião). O *Fujian tie* 福建铁 (ferro de Fujian),⁵⁸ é adquirido por contrabando para fazer tal arma”.⁵⁹

“Recentemente, começa a parecer *shouchong*, que aprenderam com os Folangji. Actualmente, a China também tem essa arma, mudando-lhe o nome para *niaozi* 鸟嘴 (bico de pássaro)”.⁶⁰

É de crer que a China, desde a expedição contra Liampó em 1548, o mais tardar em 1549, começou a ter imitações da espingarda portuguesa.

Segundo Zheng Shungong, a fabricação da espingarda começou em Tanegashima e só mais tarde passou para Bungo.⁶¹ No entanto, devemos ler a informação de Zheng Shungong com certa reserva, porque a sua estadia no Japão foi curta e já passara uma dezena de anos sobre o acontecimento. **RC**

Nota dos autores: Neste trabalho contamos com a ajuda da Doutora Mihoko Oka, do Doutor Lúcio de Sousa da Universidade de Tóquio, do Professor Michele Fatica, do Istituto Orientale di Napoli, da Mestra Jiang Wei, doutoranda no King's College, Londres, do Doutor Rui Manuel Loureiro, da Câmara de Lagos, do professor Gong Yingyang, da Universidade de Zhejiang, e da Professora Li Xiaolin da Universidade de Nankai.

NOTAS

- Desde as invasões mongóis em 1274 e 1281 que os japoneses designam as armas de fogo por *teppō* 铁炮. Por convenção, servimo-nos do termo espingarda, embora arcabuzes seja mais apropriado. Cf. Marisa di Russo, “Traduzione e commento del *Teppōki* de Nanpo Bunshi”, in *Annali dell'Istituto Orientale di Napoli*, vol. 37 (1977), (Nuova Serie XXVII), p. 74, nota 75.
- Recentemente, Igawa Kenji 伊川健二 fez uma análise exaustiva dos estudos produzidos nos últimos 20 anos sobre a introdução da espingarda no Japão pelos Portugueses: “Teppō Denrai no Shiryo to Roten - I” 铁砲伝来の史料と論点 (上), in *Teppō Shi Kenkyū* 鉄砲史研究, Academic Society of Japanese Weapons, n.º 361, 2008, pp. 29-55 e “Teppō Denrai no Shiryo to Roten - II” 铁砲伝来の史料と論点 (下), in *Teppō Shi Kenkyū*, Academic Society of Japanese Weapons, n.º 362, 2003, pp. 11-33.
- Sobre o comércio em geral entre a China e o Japão, à volta de 1550, recomendamos a leitura indispensável de Roderich Ptak, “Sino-Japanese Maritime Trade, circa 1550: Merchants, Ports and Networks”, in Roberto Carneiro / A. Teodoro de Matos (Hg.), *O Século Cristão do Japão. Actas do Colóquio Internacional Comemorativo dos 450 Anos de Amizade Portugal-Japão (1543-1993)* (Lisboa, 2 a 5 de Novembro de 1993) (Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa e Instituto de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1994), pp. 281-311.
- Sobre a sua localização geográfica, veja-se Jin Guo Ping e Zhang Zhengchun 张正春, “Liampó reexaminado à luz de fontes chinesas”, in António Vasconcelos de Saldanha e Jorge Manuel dos Santos Alves (ed. lit.), *Estudos de História do Relacionamento Luso-Chinês: Séculos XVI-XIX*, Macau, Instituto Português do Oriente, 1996, pp. 90-101.
- João Paulo Oliveira e Costa, “A Coroa Portuguesa e a China (1508-1531). Do sonho Manuelino ao realismo Joanino”, in António Vasconcelos de Saldanha e Jorge Manuel dos Santos Alves (eds.), *Estudos de História do Relacionamento...*, pp. 11-84 e Rui Manuel Loureiro, *Fidalgos, Missionários e Mandarins. Portugal e a China no Século XVI*, Lisboa, Fundação Oriente, 2000, pp. 289-293.
- Jin Guo Ping 金国平, 1521-1522 *Nianjian Zhongguo Junshi Chongtu-Xicaowan Shikao* 1521-1522 年间中葡军事冲突—西草湾试考 (Os conflitos armados sino-portugueses entre 1521 e 1522. Uma tentativa de identificação de Xicaowan, o lugar da batalha naval da armada de Martim Afonso de Melo Coutinho, in *Xili Dongjian-Zhongguo Zaoqi Jiechu Zhuixi* 西力东渐—早期中葡接触追昔 (O Ocidente ao Encontro do Oriente. Uma Retrospectiva dos Primeiros Contactos Sino-Portugueses), Macau, Fundação Macau, 2000, pp. 1-18.
- Cf. o estudo pioneiro de Roderich Ptak, “The Fujianese, Ryukyuan and Portuguese (c. 1511 to 1540s): Allies or Competitors?”, in *Anais de História de Além-Mar* 3 (2002), pp. 447-467 e “The Image of Fujian and Ryūkyū in the Letters of Cristóvão Vieira and Vasco Calvo”, in Angela Schottenhammer (ed.), *Trade and Transfer across the East Asian “Mediterranean”*, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag 2005, pp. 303-319.
- L. Carrington Goodrich, Chaoying Fang (eds.), *Dictionary of Ming Biography, 1368-1644*, Nova Iorque, Columbia University Press, 1976, Vol. I, pp. 372-375 e Roland L. Higgins, *Piracy and Coastal Defence in the Ming Period, Governmental Response to Coastal Disturbance 1523-1549*, Ann Arbor, University Microfilm International, 1981, pp. 249-201. Para uma tradução em inglês da sua biografia em *Mingshi* (História Oficial dos Ming), cf. So Kwan-wai, *Japanese Piracy in Ming China during the 16th Century*, East Lansing, Michigan State University Press, 1975, pp. 51-53.
- So Kwan-wai, *Japanese...*, *passim* e Jin Guo Ping e Zhang Zhengchun, “Liampó reexaminado à luz de fontes chinesas”, pp. 119-126.
- Sobre estas fontes chinesas, ver o nosso artigo “Liampó nas relações sino-portuguesas entre 1524 e 1541 e a escudela de Pêro de Faria”, in *Revista de Cultura* (Edição Internacional), n.º 24, 2007, pp. 6-19.
- Cf. Olof G. Lidin, *Tanegashima. The Arrival of Europe in Japan*, Copenhagen, Nordic Institute of Asian Studies, 2002.
- Ye Xianen 叶显恩, *Huishang Yu Yuehai Lungao* 徽州与粤海论稿 (Estudos sobre Huizhou e os Mares de Cantão), Hefei, Editora da Universidade de Anhui, 2004, pp. 107 e 113.
- Ibidem*, p. 119.
- Ayuthia.
- António Galvão, *Tratado dos Descobrimentos*, Lisboa, Alfa, 1989, p. 105.
- Georg Schurhammer S. J., *Orientalia*, Lisboa e Roma, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos/Institutum Historicum Societatis Iesu, 1963, pp. 526-529. Recentemente, Shimizu Hirokazu 清水紘一 publicou

WEAPONS, FORTS AND MILITARY STRATEGIES IN EAST ASIA – II

- em fac-símile este documento, depositado no Archivo General de Indias, cf. Shimizu Hirokazu, *Nichi-Ō kōshō no kigen – Teppō Denrai to Zabieru no Nihon Fukyo* 日欧交渉の起源-鉄炮伝来とザビエルの日本開教, Tóquio, Iwata Shoin, 2008, pp. 368-372.
- 17 Ayuthia.
- 18 Ver Roderich Ptak, “The Ryukyu Network in the 15th and Early 16th Centuries”, in *Revista de Cultura* (Edição Internacional), n.º 6, 2003, pp. 7-23.
- 19 Georg Schurhammer S. J., *Orientalia*, p. 526.
- 20 *Ibidem*, p. 527.
- 21 O lendário “barco de tesouro” do almirante Zheng He seria uma espécie de barcos “encadeados” para formar uma base flutuante. Ainda na década 1540, Wang Zhi costumava construir este tipo de barcos. Cf. Jin Guo Ping, “Zheng He e a África Oriental/Zheng He and East Africa”, in *Oriente*, n.º 14, Lisboa, Fundação Oriente, pp. 34-49 e Shimizu Hirokazu, *Nichi-Ō kōshō no kigen...*, pp. 213-214.
- 22 Georg Schurhammer S. J., *Orientalia*, pp. 527-528.
- 23 *Ibidem*, p. 528, nota 34.
- 24 *Ibidem*, p. 526.
- 25 Os chineses que andavam com os portugueses tinham acesso à arma de fogo, tanto espingardas como canhões portugueses. É o caso de Wang Zhi. Uma vez na mão dos que lidavam com os lusos passariam facilmente a outros chineses. Daí talvez a proveniência desses tremendos canhões dos chineses, que “naufagaram” na Coreia em 1544. Em relação à introdução da arma de fogo portuguesa na Coreia, sabemos que só se remonta à invasão japonesa da Coreia, durante a Guerra de Im-Jin (1592-1598). Nessa altura, o Japão e Macau ainda estavam de lua de mel, portanto este não podia mandar directamente o apoio militar à Coreia. Foi a China, através das suas forças expedicionárias, levou as imitações da arma de fogo portuguesa, à Coreia, junto com “quatro milagrosos soldados de face negro”, que quer dizer africanos à resistência coreana para afugentar os soldados japoneses e ajudar a fabricar canhões. Sobre esta história, cf. Jin Guo Ping, “Yi Aomen wei zhongxin de Puchao guanxi” 以澳门为中心的葡朝关系 (Relações luso-coreanas, através de Macau), in Wu Zhiliang 吴志良, Jin Guo Ping e Tang Kaijian 汤开建 (eds.), *Aomen shi xinbian* 澳门史新编 (Nova História de Macau), Macau, Fundação Macau, 2008, Vol. II, pp. 679-693. Para o “retrato” desses “quatro milagrosos soldados de face negro”, cf. *Portugueses na Coreia durante a Guerra de Im-Jin*, Seul, Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e Instituto Camões/Centro Cultural Português, 1988, p. 22. Estudos sobre as relações luso-coreanas são escassos; citamos Jaime Ramalhete Neves, “O conhecimento português da Coreia no século XVI”, in *Revista de Cultura*, 2.ª série, n.º 15, 1991, pp. 79-82 e “Os portugueses na guerra do Im-Jin?”, in *Revista de Cultura*, 2.ª série, n.º 18, 1994, pp. 27-32 e Pedro Moura (ed.), *Portuguese-Korean Historical Studies, Proceedings of the First Seminar Seoul, Korea, April 2001*, Seul, Portuguese Cultural Center, Instituto Camões / Royal Asiatic Society-Korea Branch.
- 26 Mesmo capturados, os chineses recusavam desembarcar-se. Andavam a esconder alguma coisa. Haveria portugueses no meio deles?
- 27 *Zhongzong Shilu* 中宗实录 (Verídica Crónica do Imperador Zhongzong), vol. 104, p. 5, edição fac-similada de *Lichao Shilu* 李朝实录 (Verídica Crónica da Dinastia Li), Academia da Coreia e Academia da China, Pequim, Editora de Ciências, 1959, vol. 24, p. 637.
- 28 *Ibidem*.
- 29 *Ibidem*, p. 5b, edição fac-similada, vol. 24, p. 637.
- 30 Designação antiga do *wano koku* 倭国, por extensão, japoneses.
- 31 *Zhongzong Shilu*, vol. 104, p. 11b, edição fac-similada, vol. 24, p. 640.
- 32 *Zhongzong Shilu*, vol. 98, p. 13a-13b, edição fac-similada, vol. 24, p. 414.
- 33 Todo o processo in *ibidem*, vol. 98, p. 1a-12a, edição fac-similada, vol. 24, pp. 635-640.
- 34 Yan Hao, “Liuqu guo jiesong tongfan renfan shu” 琉球国解送通番人犯疏 (Memorial ao trono sobre a entrega escoltada feita pelos Léquios de criminosos que fazem negócios marítimos clandestinos com os bárbaros), in Chen Zilong 陈子龙 e outros, *Huagming jingshi wenbian* 皇明经世文编 (Coleção de Escritos de Assuntos Estatais da Augusta Dinastia Min), Tomo III, Pequim Livraria China, 1962, vol. 219, p. 2301.
- 35 *Ibidem*.
- 36 Em fontes portuguesas, aparecem com “chincheo”.
- 37 Sobre a história de 36 famílias de Minnang 閩南, que povoaram “culturalmente” os Léquios, cf. Roderich Ptak, “The Ryukyu Network in the 15th and Early 16th Centuries”, pp. 8-9.
- 38 Para mais informações, cf. Marisa di Russo, “Il *Teppōki*: il manoscritto e l'autore”, in *Annali dell'Istituto Orientale di Napoli*, vol. 35 (Nuova Serie XXV), 1975, n.º 3, pp. 359-376.
- 39 Para uma curta nota bibliográfica, cf. “A proposito di una citazione de *Teppōki*”, in *Annali dell'Istituto Orientale di Napoli*, vol. 30 (Nuova Serie XX), 1970, n.º 4 p. 269 e Olof G. Lidin, *Tanegashima. The Arrival of Europe in Japan*, pp. 209-210, n. 10.
- 40 Georg Schurhammer S. J., *Orientalia*, p. 535, n. 102.
- 41 Sobre a primeira edição, cf. Marisa di Russo, “A proposito di una citazione...”, p. 269, n. 3.
- 42 Georg Schurhammer S. J., *Orientalia*, p. 535, n. 102.
- 43 *Ibidem*.
- 44 Marisa di Russo, “Traduzione e commento del *Teppōki* de Nanpo Bunshi”, pp. 55-79. Nas notas sobre as traduções em várias línguas, podem-se recolher nomes de mais tradutores da *Teppōki*.
- 45 Cf. G. Lidin, *Tanegashima. The Arrival of Europe...*, pp. 36-42.
- 46 Cf. Shimizu Hirokazu, *Nichi-Ō kōshō no kigen...*, p. 219.
- 47 Yoshitomo Okamoto 岡本良知 dedicou apenas uma página a este tema. Cf. Yoshitomo Okamoto, *Naga saki kaikō izen obaku raio kō*, 長崎開港以前歐舶來往考, Nitto Shoin, 1932, pp. 21-22.
- 48 1541.
- 49 Saisuke Yamamura 山村才助, Hakuseki Arai 新井白石, *Teisei zōyaku sairan igen* 訂正増訳采覧異言, vol. 3, pp. 11-12, ed. fac-similada, Seishisha, 1979, pp. 366-367 e Ota Hiroki 太田弘毅, *Wakou: chougyou gunjishi te kikenkyu* 倭寇: 商業・軍史の研究, Yokohama, Shumpusha Publishing, 2002, p. 439.
- 50 Wang Xiangrong 汪向荣, “Guan Yu ‘Riben Kao’ 关于《日本考》 (A propósito dos Estudos sobre o Japão), *Zhongri Guanxishi Wenxian Lunkao* 中日关系史文献论考 (Estudos sobre as Fontes Históricas Relativas às Relações Sino-Japoneses), Changshsha, Editora Yuelu, 1985, p. 257.
- 51 Wu Zhiliang e outros, *Mingqingshiqi Aomenwenti Danganwenxian Huibian* 明清时期澳门问题档案文献汇编 (Coleção de Arquivos e Documentos das Dinastias Ming e Qing relativos a Macau), Beijing, Edições Populares, 1999, vol. 5, pp. 266-279.
- 52 Hou Jigao 侯继高, *Riben Fengtaji* 日本风土记 (Coisas do Japão), in *Quanzhe Bingzhikao* 全浙兵制考 (Estudo sobre o Sistema Militar da Província de Zhejiang), xilografada em 1592 (exemplar depositado em Tokyo Bunko), juan 2, p. 34.
- 53 *Ibidem*.
- 54 Agradecemos esta comunicação que nos foi enviada por correio electrónico.
- 55 Wu Zhiliang e outros, *Mingqingshiqi Aomenwenti Danganwenxian Huibian*, Pequim, Editora do Povo, 1999, vol. 5, p. 146.
- 56 1548.
- 57 *Ibidem*, p. 363.
- 58 Sobre este tema, cf. Ota Hiroki, *Wakou: chougyou gunjishi te kikenkyu*, pp. 432-440.
- 59 Zheng Shungong 郑舜功, *Riben Yi Jian* 日本一鑑 (Um Olhar sobre o Japão), “Qiong he hua hai” (Falando de rios e mares, 穷河话海), juan 2, Utensliis, Nanjing, Livraria Weijing, 1939, p. 15a.
- 60 *Ibidem*, “Qiong he hua hai”, juan. 3, Caça e pesca, p. 9b.
- 61 Shimizu Hirokazu é apologista desta versão, cf. *Nichi-Ō kōshō no kigen...*, p. 195.

ARMAS, FORTALEZAS E ESTRATÉGIAS MILITARES NO SUDESTE ASIÁTICO – II

Teppoki (Crónica da Espingarda)
do *tono* Hisatoki¹ de Tanegashima

Dairiuij Bunshi

A sul de Gushu,² a uma distância de 18 *ri*³ do litoral fica a ilha de Tanega.⁴ Aqui têm residido os meus antepassados,⁵ geração após geração. Há uma antiga lenda que explica a origem do nome Tanegashima. Embora seja pequena, tem uma população numerosa e próspera. É como uma semente: uma vez semeada, nunca deixa de se reproduzir, daí a origem do topónimo Tanegashima (ilha da Semente).

Aconteceu que no ano cíclico *ki-bo*⁶ da era de *Tenbun*,⁷ no dia cíclico *tei-Yu* que foi o 25.º dia da 8.ª Lua do Outono,⁸ apareceu um grande navio na angra de Nishimura.⁹ Não se sabia de onde viera. A bordo havia mais de 100 pessoas, todas com uma fisionomia diferente da nossa e que falavam línguas que soavam incompreensíveis. Todos os que os viram ficaram maravilhados. Entre eles achava-se um letrado confuciano da Dai-Ming (Grande Claridade),¹⁰ de nome próprio Goho.¹¹ Ignorava-se o seu nome de família.¹² Sendo então senhor de Nishimura um homem nome Oribenojo, grande conhecedor dos caracteres chineses, ele encontrou por acaso Goho e escreveu com o seu bastão na areia da praia: ‘Não sabemos de onde são os homens a bordo do navio. Como são estranhas as suas figuras!’ Goho escreveu imediatamente em resposta: ‘Estes homens são aqueles mercadores da raça dos bárbaros de Seinanban,¹³ que possuem um conhecimento rudimentar sobre as relações fundamentais entre os senhores e os súbditos, contudo, não se sabe se conhecem o cerimonial das boas maneiras.¹⁴ Tomam a água com o copo, mas nunca fazem a cerimónia de oferecer. Comem com as mãos, sem se servirem dos pauzinhos. Deixam-se arrastar com deleite pelos seus desejos. Não conhecem os caracteres¹⁵ e muito menos os ensinamentos por estes transmitidos. Trata-se duma raça que mal chega a um lugar começa a fazer trocas comerciais com o que possui por aquilo que não tem. Por conseguinte, não tem nada de suspeito.’

Então Oribenojo escreveu: ‘A 13 *ri* daqui há uma abra que se chama Akogi,¹⁶ lugar onde a família a que pertencem tem vivido desde há gerações. Lá existem alguns milhares de casas, cujos habitantes são muito abastados e prósperos. Mercadores do Norte e do Sul concorrem aí num corrupio. Embora o vosso navio tenha fundeado aqui, farão melhor em sulcar para lá, pois a água do mar é mais profunda e tranquila.’ Disto deu aviso ao meu avô Shigetoki (1503-1567)¹⁷ e ao meu pai Tokitaka (1528-1579).¹⁸ Este despachou algumas dezenas de chalupas para rebocar o navio,¹⁹ que na hora *ki-gai*²⁰ do 27.º dia²¹ entrou no ancoradouro de Akogi.²²

Havia nessa altura um bonzo chamado Cho Shuso,²³ que dizia ser discípulo de Ryogen²⁴ em Nisshu.²⁵ Desejando aprender as maravilhas da Hokke²⁶ e Ekayana²⁷, estava de residência nesse ancoradouro. Acabou por deixar o Zen para se transformar em adepto de Hokke, com o nome de Jujoin.²⁸ Era versado nos clássicos canónicos e manejava com mestria o pincel. Ao encontrar por acaso Goho, teve uma conversa com ele por escrito. Goho considerava-o um verdadeiro amigo numa terra estrangeira. Os dois tinham linguagens e ideias comuns. Entre os negociantes bárbaros havia dois chefes. Um chamava-se Murashukusha²⁹ e o outro Kirishita da Mota.³⁰ Tinham nas mãos um objecto de 2 a 3 *shaku*³¹ de comprimento. Quanto à sua forma, era de linhas direitas, mas oco por dentro, com passagem interior. Era feito de matéria muito pesada. Mesmo que o seu interior fosse oco, uma das suas extremidade era fechada. De um lado havia um orifício pelo qual dava fogo. Não havia nada comparável com a sua forma. Quando manuseado, enche-se com um pó milagroso e colocam-se pelourinhos de chumbo. Tendo posto uma bandeirola branca³² ao lado de uma rocha, o disparador pegava no objecto, segurava-o com as mãos, acomodando a sua postura e fazendo mira com um só olho. Ao acender o fogo pela ranhura, o disparo acertava sempre na bandeirola branca. O tiro fazia um clarão de relâmpago, com um som tão estrondoso como um trovão assustador.³³ De todos os observadores não havia quem não tapasse as orelhas. Acertar numa meta pequena é como atingir sempre o centro do alvo. Um tiro deste artefacto podia fazer

WEAPONS, FORTS AND MILITARY STRATEGIES IN EAST ASIA – II

cair uma montanha de prata e atravessar um muro de ferro. Os maus que quisessem invadir os países vizinhos perderiam imediatamente a vida quando atingidos. É tão devastador como os cervos³⁴ que derrubam os arrozais plantados. As suas aplicações no mundo são incalculáveis. Ao vê-lo, o governador Tokitaka considerou-o um tesouro do mundo. No início, ignorava-se o seu nome e não se lhe conhecia qualquer utilidade. Mais tarde, passaram a chamá-lo de *teppo* (espingarda de ferro), mas não se sabia como era denominado pelas pessoas da Ming³⁵ nem pelas da minha ilha.

Um dia, Tokitaka, através do intérprete, disse aos dois bárbaros: ‘Não digo que serei capaz, mas gostaria de aprender a usá-lo.’³⁶ Os dois bárbaros responderam pela mesma via: ‘Se quereis aprender a usar isto, nós vos faremos saber todos os seus segredos de boa vontade’. Tokitaka tornou a dizer: ‘Posso eu saber de vós o último segredo?’³⁷ Os bárbaros responderam: ‘Todo o segredo consiste nisto: deve-se concentrar a atenção³⁸ e cerrar um olho’. Tokitaka disse: ‘A concentração é ensinada ao povo pelos Antigos Sábios³⁹ e eu aprendi-a. Geralmente, se não se segue o princípio universal, ao movimentar ou parar, ao falar ou ao agir, acaba-se necessariamente por cometer erros. Que querem vocês dizer com concentração?’⁴⁰ Será algo de diferente? Se vocês fazem a pontaria com um olho só, não poderão ver o que está distante, então, porque é que só usam um olho?’ Os bárbaros responderam: ‘É necessário observar as regras das coisas. Para os observadores, basta a concentração para terem uma visão ampla, sem preocupação de não poderem ver longe. Fechar um olho não significa não poder ver claramente. Seguindo as regras e com concentração atingirão o que está distante. Isto é o que o senhor vai ver.’ Tokitaka, feliz, frisou: ‘Isto corresponde ao que Laozi (Velho Mestre)⁴¹ disse: Aqueles que vêm as coisas mais subtis chamam-se clarividentes.’⁴² Não é isto o que quereis dizer?’

Nesse ano cíclico,⁴³ o dia da Festa de *Chokyu*⁴⁴ caiu no dia de *sin-gai*.⁴⁵ Nesse dia, foi escolhida uma hora de bom augúrio para se fazer a prova. Introduziu-se o pó milagroso e os pelourinhos de chumbo na espingarda. Colocou-se uma bandeirola branca a uma distância de mais de cem passos. Ao dar fogo à arma, o alvo desapareceu quase todo estilhaçado. Os presentes ficaram entre espantados, surpreendidos e receosos perante o objecto. Depois acabaram por dizer em uníssono: ‘Gostaríamos de aprender.’ Apesar do exorbitantemente elevado preço, Tokitaka comprou aos bárbaros duas *teppo*,⁴⁶ considerando-as tesouros da família. Ao seu súbdito Sasakawa Koshiro⁴⁷ mandou aprender a arte de esmagar, joeirar e misturar as matérias para o fabrico daquele milagroso pó. Tokitaka exercitou-se com a arma quotidianamente, com zelo e sem cessar. Conseguiu dominar quase toda a técnica. Chegou ao ponto de em 100 tiros não falhar nenhum.

Havia nessa altura um homem de nome Sugi-no-bo⁴⁸ no templo Negoro⁴⁹ em Kishü, que percorreu a grande distância de 1000 *ri* para obter uma espingarda. Tokitaka ficou comovido com a profunda sinceridade do homem. Conhecendo a sua intenção, disse-lhe: ‘Em tempos passados, o senhor de Jo gostava da espada de Kisatsu, mas não ousou expressar o seu desejo. Kisatsu, entretanto, adivinhou o seu anseio e teve a generosidade de lhe oferecer a espada pretendida.’⁵⁰ A minha ilha é realmente pequena e fica no fim do mundo; apesar de gostar muito do objecto, não o guardo só para mim. Aliás, é coisa que me veio parar às mãos, sem que a tenha pedido. Obtê-la deixou-me tão feliz que me tirou o sono. Guardo-a a sete chaves. Aliás, quem vem com a intenção de obter uma coisa, se não a consegue, como poderá sentir alegria no coração? O que gosto também pode agradar a outros. Como posso ser o único dono dela e mantê-la bem escondida e afastada do mundo? Assim despachou Tsuda Kenmotsu-no-jo⁵¹ para levar uma *teppo* como presente a Sugi-no-bo e o instruir no preparo do pó milagroso e no disparo da arma.

Ao fim de algum tempo de se divertir com a *teppo*, Tokitaka⁵² mandou vir uns ferreiros para observar e examinar com cuidado a forma da arma. Com meses e semestres de trabalhos a forjar e martelar o metal iriam fazer uma réplica. A nova arma tinha a aparência da original, mas não se sabia como era feito o remate da culatra.

No ano cíclico seguinte,⁵³ comerciantes da raça bárbara tornaram a aparecer na minha ilha e entraram na angra de Kumano,⁵⁴ que é comparável ao Pequeno Rozan⁵⁵ e ao Pequeno Tenjiku.⁵⁶ Por sorte, havia entre

ARMAS, FORTALEZAS E ESTRATÉGIAS MILITARES NO SUDESTE ASIÁTICO – II

os comerciantes bárbaros um ferreiro, que Tokitaka considerou como um enviado do Céu, e mandou o senhor Kinbei-no-jo Kiyosada⁵⁷ aprender como fechar a culatra. Finalmente, após meses de aprendizagem, soube que o truque residia em fazer uma rosca para fechar o fundo do cano da arma. No fim do ano fabricou-se uma dezena de *teppo*. Mais tarde, fez-se a coronha em madeira e foram adicionados ornamentos em forma de cadeado. Tokitaka não estava nada interessado nem na coronha nem nos ornamentos. O que lhe interessava era o seu uso para as operações militares. A partir de então, os seus vassalos, próximos e distantes, começaram a adestrar-se com a arma. Eram muitos os bem certos e que não falhavam nenhum numa centena de tiros.

Mais tarde, um comerciante de nome de Tachibanaya Matasaburo de Sakai de Izumi, que permaneceu por um ou dois anos na minha ilha, aprendeu a usar a *teppo* com habilidade e perfeição. Após o seu regresso, passou a ser chamado de Teppo e não pelo seu verdadeiro nome. Assim, todas as províncias em torno da área de Kinai aprenderam a usar a arma, transferindo a sua arte de uns para os outros. E não somente se espalhou nas áreas de Kinai e de Kansai,⁵⁸ mas do mesmo modo também na área de Kanto.⁵⁹

Ouvi dizer a alguns anciãos o seguinte: 'Entre o ano cíclico de *jin-in*⁶⁰ e o de *ki-bo*⁶¹ da era de *Tenbun*, três grandes navios, com uma nova embaixada tributária⁶² estavam pestes a zarpar em direcção do sul, até ao Dai-Ming-Koku (Império de Grande Claridade). Aproximadamente mil pessoas, filhas de famílias ricas da área a oeste de Kinai, esforçavam-se por embarcar como comerciantes. Uma centena de barqueiros e homens de vara manejavam os navios com miraculosa habilidade. Os navios ficaram ancorados na nossa pequena ilha⁶³ à espera do bom tempo para zarparem pelo mar adentro. Todos os remos começaram a mexer-se e toda a gente olhava em adoração para o *Jaku* (Deus do Mar).⁶⁴ Infelizmente, uma enorme tempestade agitava o mar, levantando ondas gigantescas com cristas brancas como a neve. O eixo terrestre parece ir quebrar-se. Ai, que tempo infeliz e que fado! Os mastros de um navio tributário quebraram-se, os remos ficaram destruídos e logo foi engolido pelo mar, sem deixar rasto. O segundo navio, com dificuldades, navegou lentamente até à prefeitura de Ninpo-fu⁶⁵ do Dai-Ming -Koku, mas o terceiro navio não pôde prosseguir e retornou à nossa pequena ilha.

No ano seguinte⁶⁶ iria zarpar de novo para concretizar a sua intenção de navegar para o país do Sul.⁶⁷ O navio que chegara ao seu destino voltou ao nosso país repleto de produtos marítimos e de coisas exóticas das terras bárbaras. Na imensidão do mar levantou-se de repente uma tempestade, obscurecendo o céu e não permitindo saber onde estava o Oeste nem o Leste. O navio navegou à deriva até à costa de província de Izu no Tokaido, onde foi saqueado pelos nativos. As mercadorias foram roubadas e os comerciantes perderam os seus pertences. A bordo do navio estava um criado meu, de nome de Matsushita Gorosaburo, que andava armado com uma *teppo* e que nunca falhou um tiro cada vez que disparou contra o centro do alvo. O povo local que o presenciou ficou estupefacto. Tendo-a espreitado, muitos foram os que passaram a aprender a usá-la. A partir daí, não houve um lugar das oito províncias de Kanto e ao longo do todo o nosso território⁶⁸ que não visse a divulgação e a utilização dessa arma.

Há mais de 60 anos que este objecto chegou ao nosso país. Não faltam anciãos com cabelos brancos que ainda têm memória fresca do acontecimento. Sabe-se que isto resultou da aquisição das duas *teppo* dos bárbaros pelo nosso *tono* Tokitaka, que aprendeu a usá-las. Os primeiros tiros delas abalaram as 60 províncias de Fuso.⁶⁹ Além disso, foi o *tono* Tokitaka quem fez com que os ferreiros aprendessem a técnica da fabricação que se espalhou pelo país inteiro – as cinco províncias (Goki) e as sete circunscrições.

Não há dúvida que a divulgação da *teppo* começou a partir da nossa Tanegashima. Uma semente recolhida em tempos antigos reproduz-se sem parar, daí o nome da nossa ilha. Agora tornou-se o seu ex-líbris. Um antigo provérbio reza: Se as acções virtuosas dos antepassados não são claramente conhecidas pelos vindouros, a culpa é dos descendentes.

Eis a razão pela que elaborei esta crónica.

Na Festa de *Chokyu* do ano cíclico *hei-go*, 11.º ano da era de Keicho⁷⁰

WEAPONS, FORTS AND MILITARY STRATEGIES IN EAST ASIA – II

NOTAS

- 1 Para a sua biografia, cf. Shimizu Hirokazu, *Nichi-Ō kōshō no kigen – Teppō Denrai to Zabieru no Nihon Fukyo*, pp. 208-209.
- 2 Na província de Ōsumi.
- 3 Um *ri* equivale 3,927 km.
- 4 O nome completo é Tanegashima. “Tanega” significa semente e “shima”, ilha.
- 5 Do *tono* Hisatoki de Tanegashima.
- 6 O 40.º ano do ciclo sexagesimal, correspondente a 1543.
- 7 Durou de 1532 a 1554.
- 8 Corresponde ao dia de 23 de Setembro de 1543.
- 9 Sobre a sua localização, cf. Marisa di Russo, “Traduzione e commento del *Teppōki* de Nanpo Bunshi”, p. 67, n. 22 e o mapa *Kokugun zenzu*, de 1837, na Távola VIII.
- 10 Penúltima dinastia chinesa, de 1368 a 1644.
- 11 Sobre esta personagem, cf. Marisa di Russo, “Traduzione e commento del *Teppōki* de Nanpo Bunshi”, p. 68, nota 25.
- 12 Segundo a *Mingshi*, o seu apelido é Wang 汪 (?-1559), cf. *Mingshi* (História Oficial dos Ming), Pequim, Livraria China, 1974, p. 8357. Muitas fontes chinesas usam Wang 王.
- 13 Sudoeste. Passou mais tarde para Nanban 南蛮. Dado que o Sudeste Asiático não fica a sudoeste nem a sul do Japão, os conceitos de Seinanban e Nanban poderiam ter vindo do chinês. No *Huangming Shifa Lu* 皇明世法录 (Crónicas da Augusta Dinastia Ming sobre os Países do Mundo) de Chen Renxi 陈仁锡, o capítulo 82 intitula-se “Nanman (em japonês: Nanban) Franguia” 南蛮·佛郎机 e começa: “A Franguia, que fica a sudoeste do mar e perto de Malaca, nunca teve comunicações com a China” Cf. Wu Zhiliang e outros (dir.), *Mingqingshiqi Aomenweni Danganwenxian Huibian*, vol. 5, p. 76.
- 14 Referência às 5 relações fundamentais (*gorin*, chinês: *wulun* 五伦), prezonizadas por Mênici. Cf. Ying Lun So, Anthony Walker, *Explaining Guanxi: the Chinese business network*, London, New York, Routledge, 2006, pp.89-90.
- 15 Os caracteres chineses.
- 16 O seu nome actual é Nishino-Omote. O topónimo Akōgi aparece no mapa *Kokugun zenzu*, de 1837, na Távola VIII de Marisa di Russo, “Traduzione e commento del *Teppōki* de Nanpo Bunshi”.
- 17 *Ibidem*, p. 70, n. 39.
- 18 *Ibidem*, n. 40.
- 19 Cf. Shimizu Hirokazu, *Nichi-Ō kōshō no kigen – Teppō Denrai to Zabieru no Nihon Fukyo*, p. 216.
- 20 Período entre as 21 e as 23 horas.
- 21 Corresponde ao dia de 25 de Setembro de 1543.
- 22 Cf. Shimizu Hirokazu, *Nichi-Ō kōshō no kigen – Teppō Denrai to Zabieru no Nihon Fukyo*, p. 216.
- 23 Desconhecem-se dados biográficos deste bonzo. Chu é o seu nome e Shuso significa Superior.
- 24 Identificável com o actual Templo de Ryōsenji, cf. Marisa di Russo, “Traduzione e commento del *Teppōki* de Nanpo Bunshi”, p. 72, n. 43.
- 25 *Ibidem*, n. 44.
- 26 Hokke é abreviatura de Hokkekyō, por sua vez uma forma abreviada de Miyōho Renhe Kyo.
- 27 Palavra sânscrita que significa caminho ou veículo. Cf. Daisetz Teitarō Suzuki, *Studies in the Lankavatara Sutra (One of the Most Important Texts of Mahayana Buddhism in which Almost all its principle Tenets are presented, including the Teaching of Zen)*, New Delhi, Munshiram Manoharlal, 1998, p. 361.
- 28 Cf. Marisa di Russo, “Traduzione e commento del *Teppōki* de Nanpo Bunshi”, p. 72, n. 45.
- 29 A transcrição fonética em caracteres é bastante deturpada. A maioria dos estudiosos identificam-no com “Francisco” de Francisco de Zeimoto.
- 30 Kirishita da Mōta seria o Cristão da Mota, isto é, António da Mota.
- 31 Unidade de comprimento do antigo Japão, equivalente a 30,3 cm.
- 32 No original “uma coisinha branca”. Cf. “Traduzione e commento del *Teppōki* de Nanpo Bunshi”, p. 73, n. 50. A sua interpretação como uma “piccola tazza de sake” parece-nos duvidosa. No chinês clássico, pode ser bandeirola.
- 33 Um livro de genealogia regista este episódio com alguns pormenores: “Havia um som tão estrondoso como um trovão assustador. As pessoas ficaram assustadas. Perguntaram por escrito: ‘porque é que vêm aqui? Se querem hostilizar-nos com forças, respondemos na mesma medida.’ Responderam também por escrito: São pessoas que querem fazer negócios, querendo ir a outro país e foram surpreendidos por uma tempestade, por isso, foram parar naufragados à sua ilustra terra, sem se atreverem a hostilizá-la. Em sinal da veracidade do que diziam, ofereceram três *teppō*. Os três homens levaram de bom grado as armas à cidade para oferecê-las ao trono Tokitaka.” Cf. Shimizu Hirokazu, *Nichi-Ō kōshō no kigen – Teppō Denrai to Zabieru no Nihon Fukyo*, p. 34. Aqui parece confirmar a versão de António Galvão de três portugueses.
- 34 Referência ao cervo-do-padre-david (*Elaphurus davidianus*), raro cervideo originário da China. A sua sobrevivência deve-se em boa parte ao missionário francês Armand David, que, em 1865, levou vários exemplares para a Europa.
- 35 Dinastia Ming.
- 36 Citação de Confúcio, cfr. Marisa di Russo, “Traduzione e commento del *Teppōki* de Nanpo Bunshi”, p. 74, n. 57.
- 37 Segundo um livro de genealogia, o casamento entre Wakasa e Francisco era para obter o segredo do fabrico da espingarda. Cf. Shimizu Hirokazu, *Nichi-Ō kōshō no kigen – Teppō Denrai to Zabieru no Nihon Fukyo*, p. 31.
- 38 Citação de Confúcio, *ibidem*, p. 74, n. 58.
- 39 Referência a Cang Ji 仓颉, lendário criador dos caracteres chineses e a Confúcio. No contexto, diz respeito ao Confúcio.
- 40 Cf. Shimizu Hirokazu, *Nichi-Ō kōshō no kigen – Teppō Denrai to Zabieru no Nihon Fukyo*, p. 220.
- 41 Filósofo chinês, a quem se atribui uma das obras fundamentais do Taoísmo: o *Daode Jing* 道德经 (O Livro da Via e da Virtude).
- 42 Trata-se de uma citação do capítulo 52 de *Daode Jing*.
- 43 1543.
- 44 *Chōkyū*, literalmente “Duplo Nove”, isto é, o Nono Dia da Nona Lua. Uma festa de origem chinesa.
- 45 7 de Outubro de 1543.
- 46 Sobre estas duas peças, cf. Olof G. Lidin, *Tanegashima. The Arrival of Europe in Japan*, p. 212, n. 25.
- 47 Cf. Shimizu Hirokazu, *Nichi-Ō kōshō no kigen – Teppō Denrai to Zabieru no Nihon Fukyo*, pp. 222-223.
- 48 *Ibidem*, pp. 224-225.
- 49 Cf. Marisa di Russo, “Traduzione e commento del *Teppōki* de Nanpo Bunshi”, p. 76, n. 66.
- 50 Episódio muito conhecido da história da China. Cf. *ibidem*, p. 76, n. 69.
- 51 Cf. Shimizu Hirokazu, *Nichi-Ō kōshō no kigen – Teppō Denrai to Zabieru no Nihon Fukyo*, p. 225.
- 52 Georg Schurhammer começa aqui a lenda de Wakasa, que não está no original, cf. Georg Schurhammer S. I., *Orientalia*, p. 537. Sobre a origem da “lenda de Wakasa”, cf. Olof G. Lidin, *Tanegashima. The Arrival of Europe in Japan*, pp. 8-14. A fonte japonesa do casamento de Wakasa com Francisco e não Fernão Mendes Pinto está acessível numa genealogia de 1808, cf. Shimizu Hirokazu, *Nichi-Ō kōshō no kigen – Teppō Denrai to Zabieru no Nihon Fukyo*, pp. 30-31.
- 53 1554.

ARMAS, FORTALEZAS E ESTRATÉGIAS MILITARES NO SUDESTE ASIÁTICO – II

- 54 Cf. Shimizu Hirokazu, *Nichi-Ō kōshō no kigen – Teppō Denrai to Zabieru no Nihon Fukyo*, p. 227.
- 55 Pequeno Rozan, em chinês Xiao Lushan 小庐山, conhecido lugar de veraneio, fica na província de Hunan 湖南. Cf. Shimizu Hirokazu, *Nichi-Ō kōshō no kigen – Teppō Denrai to Zabieru no Nihon Fukyo*, p. 227 e Zang Lihe 臧利赫, *Zhongguo Gujin Diming Dacidian*, 中国古今地名大辞典 (Grande Dicionário da Toponímia Antiga e Moderna da China, Hong Kong, The Commercial Press, 1982, p. 94.
- 56 Em chinês, Xiao Tianzhu 小天竺. Talvez seja a casa de campo ajardinado de Luo Can 骆骖, construída em 1534. Cf. Yu Jiangming 俞剑明 e Lin Zhengqiu 林正秋 (eds.), *Zhejiang liyou wenhua daquan* 浙江旅游文化大全 (Livro Completo da Cultura e Turismo de Zhejiang), Hangzhou, Edições Populares de Zhejiang, 1998, p. 328. Aqui Pequeno Rozan e Pequeno Tenjiku usam-se como sinónimos de um lugar pitoresco.
- 57 Cf. Shimizu Hirokazu, *Nichi-Ō kōshō no kigen – Teppō Denrai to Zabieru no Nihon Fukyo*, p. 225.
- 58 Uma das regiões da ilha de Honshu, no Japão. O nome Kansai significa literalmente “Oeste da Barreira”. A “Barreira” refere-se aos postos de controlo (barreiras) que foram erigidos durante o Período Tokugawa na estrada de Tōkaidō que ligava Edo a Quioto.
- 59 Uma área da ilha de Honshu. Os seus limites territoriais são praticamente os mesmos da planície de Kantō. O nome Kantō significa literalmente “Leste da Barreira”, geralmente à região a leste do posto de controlo de Hakone, erigido durante o Período Tokugawa na estrada Tōkaidō que ligava Edo a Quioto.
- 60 Nome do ano no calendário lunar chinês que corresponde a 1542.
- 61 1543.
- 62 Sobre este episódio e outras embaixadas tributárias da época, cf. Murai Shōsuke, “A Reconsideration of the Introduction of Firearms to Japan”, in *Memoirs of the Research Department of the Toyo Bunko*, n.º 60, 2002, p. 19-38.
- 63 Tanegashima.
- 64 Jaku é abreviatura de Kaijaku, lendário Deus do mar da antiga China. Cf. Olof G. Lidin, *Tanegashima. Tanegashima. The Arrival of Europe in Japan*, pp. 212-213, n. 36.
- 65 Nas fontes portuguesas coevas aparece como Liampó. Cf. Jin Guo Ping e Zhang Zhengchun, “Liampó reexaminado à luz de fontes chinesas”, p. 85-135 e Jin Guo Ping e Wu Zhiliang, *Um Novíssimo Estudo sobre Liampó* [no prelo].
- 66 1544.
- 67 China.
- 68 Cf. Shimizu Hirokazu, *Nichi-Ō kōshō no kigen – Teppō Denrai to Zabieru no Nihon Fukyo*, p. 232.
- 69 Nome literário variante do Japão, que se usa tanto em chinês como em japonês até hoje em dia.
- 70 O nono dia da 9.^a Lua do 11.º ano do reinado de Keicho, 11 de Outubro de 1606.